

FROM HERE TO ETERNITY / 1953

(*Até à Eternidade*)

um filme de Fred Zinnemann

Realização: Fred Zinnemann / **Argumento:** Daniel Taradash, segundo o romance homónimo de James Jones / **Fotografia:** Burnett Guffey / **Montagem:** William A. Lyon / **Som:** John P. Livadary / **Direcção Artística:** Cary Odell / **Música:** George Dunning / **Interpretação:** Burt Lancaster (Sargento Milton Warden), Montgomery Clift (Soldado Robert E. Lee "Prew" Prewitt), Frank Sinatra (Angelo Maggio), Donna Reed (Alma "Lorene"), Philip Ober (Capitão Dana Holmes), Ernest Borgnine (Sargento "Fatso" Judson), Jack Warden (Cabo Buskley), John Dennis (Sarg. Ike Galovitch), Merle Travis (Sal Anderson), Tim Ryan (Sarg. Pete Karelsen), Arthur Keegan (Treadwell), Barbara Morrison (Mrs. Kipfer), Jean Willes (Annette), Claude Akins (Sarg. Baldy Dhom), Robert Karnes (Sarg. Trup Thornill), Robert Wilke (Sarg. Henderson), Douglas Henderson (Cabo Champ Wilson), George Reeves (Sarg. Mylon Stark), Don Dubbins (Friday Clark), John Cason (Cabo Paluso), Kristine Miller (Georgette), John Bryant (Com. Ross).

Produção: Buddy Adler, para a Columbia / **Produtor Executivo:** Harry Cohn / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada em espanhol e eletronicamente em português, 118 minutos / **Estreia Mundial:** Agosto de 1953 / **Estreia em Portugal:** Eden e Império, a 15 de Novembro de 1954 / **Reposição:** S. Luis e Alvalade, a 2o de Setembro de 1968.

From Here to Eternity foi um "caso". Em primeiro lugar pelo número de Oscars que conquistou, oito, o que fez dele, até 1958, o segundo filme mais premiado de sempre, depois de **Gone With the Wind**. Depois pelos problemas que teve na produção e o impacto no futuro imediato. Se não é um grande filme é por outras razões.

O romance de James Jones que o filme adapta fora um dos grandes *best-sellers* do início da década. Harry Cohn da Columbia adquiriu os direitos resolvido a fazer uma produção pouco mais importante do que as outras do estúdio, contando com a popularidade do romance para triunfar na bilheteira. Para o papel de Prewitt, Cohn queria um dos actores que tinha sob contrato, Aldo Ray (o futuro sargento de **The Naked and the Dead**) ou John Derek (**Knock an Any Door**). Foi Fred Zinnemann, escolhido para a realização e que **High Noon** tornara famoso no ano anterior, que insistiu em Montgomery Clift, com quem trabalhara em **The Search**. Para Karen Holmes, a escolha recaiu em Joan Crawford, mas um capricho desta em relação aos figurinos acabou por levar o seu afastamento, sendo substituída à última hora por Deborah Kerr. A pouco e pouco uma produção "normal" começava a tomar um fôlego maior consoante iam entrando os intérpretes. O lugar de Burt Lancaster nunca esteve em causa. Desde o começo que a figura do "macho" sargento Warden lhe estava destinada. O mesmo não aconteceu com Angelo Maggio. O soldado italo-americano esteve desde logo destinado a um estreante, Eli Wallach, vindo do teatro e formado no Artors' Studio. Frank Sinatra porém lera o argumento e viu naquele personagem a sua grande oportunidade para sair do ocaso em que se encontrava e que no campo do cinema o empurrava para os papéis de tímido amaneirado nas comédias musicais (o que o levaria à recusa de participar no terceiro filme de Donen e Kelly, **It's Always Fair Weather**). O que fez para

conseguir o papel não se sabe, mas parece que não se poupou a “esforços”. Aliás foi nesta situação que Mario Puzo e Coppola se inspiraram para a figura do cantor que vai pedir a D. Corleone uma “ajuda” para convencer o realizador a aceitá-lo em **The Godfather**. Dizem as más línguas que a realidade foi mais ou menos assim, mas não dizem como Zinnemann ou Cohn foram convencidos. O resultado desses esforços foi que Sinatra teve o papel, com ele ganhou o Oscar (teria mais alguma “ajuda”?) e voltou à crista da onda no mundo do cinema. Eli Wallach, por seu lado, teria de esperar mais três anos para se estrear no cinema em **Baby Doll** (1956) às ordens de Elia Kazan. Entre os restantes Oscars que premiaram **From Here to Eternity** contam-se os de melhor filme, realização, argumento e fotografia. Burt Lancaster, por seu lado, não recebeu o Oscar mas teve aqui a sua primeira nomeação. O prémio nesse ano foi (bem merecido) para William Holden em **Stalag 17** (sempre era outro filme de guerra), mas Lancaster receberia o prémio da crítica de Nova Iorque.

Outras razões da notoriedade de **From Here to Eternity** liga-se à censura. Para os espectadores de hoje a famosa cena da praia, em que Lancaster e Kerr se beijam deitados na areia de fatos de banho enquanto a espuma das ondas rodeia os seus corpos, poderá parecer inofensiva. E, no fim de contas, é-o. Não foi, porém assim na altura. A sequência provocou um escândalo e a intervenção irada das ligas de decência, muitos fariam bicha só para verem a cena que seria parodiada por Billy Wilder num dos sonhos de Tom Ewell em **The Seven Year Itch**. Mas não só. A partir de então, malgrado o ranger de dentes do cardeal Spellman e outros dignitários, e das pressões da censura, outros filmes resolveram meter a “sua” cena de praia. A própria Joan Crawford mostra o que aqui não pôde em **Female on the Beach**, dois anos depois. Aliás, 1953 foi um ano chave na derrocada do código de produção que desde 1933 vigiava atentamente o comportamento moral de Hollywood e dos seus filmes. Outro filme desse ano dava outra machadada para derrubar a árvore: a inclusão de palavras até então proibidas em **The Moon is Blue**, de Otto Preminger. Aliás tivesse este realizador dirigido este **From Here to Eternity** e talvez o filme fosse hoje mais do que um filme apenas historicamente significativo.

A adaptação de Daniel Taradash se conta as partes mais polémicas do romance (quer na crítica militar quer na exploração do sexo) não altera em grande parte a obra. É a mesma celebração das virtudes militares por detrás de uma crítica à instituição. O problema é um ou outro “quisto”, um oficial vaidoso e incompetente (Holmes) ou um sádico sargento (Judson). “Felizmente” no momento em que a instituição vai ser posta à prova já eles estão afastados, o primeiro substituído e o segundo morto às mãos de Prewitt para vingar a morte de Maggio no presídio. Abatidos os elementos instáveis (Prewitt e Maggio também se podem incluir neles) ficam apenas os elementos “válidos” prontos para o combate na manhã de 7 de Dezembro de 1941. Repare-se na forma como se enfatiza a passagem de uma forma para a outra contando com a “distracção” do espectador. Os planos de Prewitt em casa de Lorene, de Warden ao telefone ou dos militares na messe contêm sempre um elemento informativo: ora o dia no calendário, ou a hora nos relógios de forma bem visível, numa insistência que acaba por ser redundante mas é necessária para sublinhar essa faceta militarista.

Aparentemente crítico, **From Here to Eternity** é, possivelmente, o derradeiro filme bélico de Hollywood da fase nascida durante o conflito. E isto no mesmo ano em que outro filme levava à irrisão esses mesmos princípios: Billy Wilder com **Stalag 17**. Ao dar-lhe oito Oscars e um apenas ao de Wilder, a Academia, digam o que disserem, sabia bem o que fazia.

Manuel Cintra Ferreira